



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS - UFAM**  
**INSTITUTO DE NATUREZA E CULTURA - INC**  
**CURSO DE BACHARELADO EM ANTROPOLOGIA**

**A PRÁTICA DO FUTEBOL DE CAMPO NA COMUNIDADE INDÍGENA DE  
GUANABARA III**

**BENJAMIN CONSTANT – AM**  
**2020**

**VALDENILSON AICATE TANANTA**

**A PRÁTICA DO FUTEBOL DE CAMPO NA COMUNIDADE INDÍGENA DE  
GUANABARA III**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Graduação da Universidade Federal do Amazonas, como requisito parcial para obtenção do Título de Bacharel em Antropologia.

**Orientadora: Msc. Ana Maria de Mello Campos**

**BENJAMIN CONSTANT – AM  
2020**

## Ficha Catalográfica

Ficha catalográfica elaborada automaticamente de acordo com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

T161p Tananta, Valdenilson Aicate  
A prática do futebol de campo na comunidade indígena de  
Guanabara III : Futebol indígena / Valdenilson Aicate Tananta .  
2019  
50 f.: il. color; 31 cm.

Orientadora: Ana Maria de Mello Campos  
TCC de Graduação (Antropologia) - Universidade Federal do  
Amazonas.

1. Indígena. 2. Sociabilidade. 3. futebol. 4. Esporte. I. Campos,  
Ana Maria de Mello. II. Universidade Federal do Amazonas III.  
Título

VALDENILSON AICATE TANANTA

**A PRÁTICA DO FUTEBOL DE CAMPO NA COMUNIDADE INDÍGENA DE  
GUANABARÁ III**

Monografia apresentada ao Curso de bacharelado em Antropologia do Instituto de Natureza e Cultura da Universidade Federal do Amazonas sob orientação da Prof.<sup>a</sup> Msc. Ana Maria de Mello Campos como requisito final para a obtenção do título de Bacharel em Antropologia.

Aprovado em: \_\_\_/\_\_\_/\_\_\_  
Conceito:

**BANCA EXAMINADORA**

---

Orientadora: Profa. Msc. Ana Campos de Mello Campos  
Universidade Federal do Amazonas

---

Profa. Msc. Erica Fabricia Moreira Mello  
Universidade Federal do Amazonas

---

Profa. Bel. em Antropologia. Vanuza Sangama Mesquita  
Universidade Federal do Amazonas

## **DEDICATÓRIA**

A minha querida filha Evelyn Dayane e a minha esposa Eliana Martins que me motivou e aguentou a minha impaciência em momentos difíceis de nossas vidas.

## AGRADECIMENTOS

Primeiramente quero agradecer a Deus, por ter me dado força, ânimo e coragem para seguir em frente na busca dos meus objetivos, para torna sonhos em realidade.

Aos meus pais: Nelsones Laurente, Erlinda Aiambo os quais nunca duvidaram da minha capacidade e tornaram possível a realização do meu objetivo de concluir este curso tão sonhado.

Á minha orientadora, Profa. Msc. Ana Maria Mello Campos por incentivar e acreditar, sempre na possibilidade deste trabalho, contribuindo comigo com o seu conhecimento e experiência, e sua paciência.

Agradeço aos meus irmãos pelo incentivo e por ter contribuído com recursos dados aos meus estudos nos momentos de desânimo em minha caminhada acadêmica.

Ao professor Ernane Nascimento por ter incentivado, e mim inscrito no PSC macro verão da UFAM no curso Bacharelado em Antropologia.

A todos os meus amigos com quem estabeleci laços de amizade durante minha trajetória acadêmica, em especial os amigos do colegiado de Antropologia, que vão continuar vivos em minha memória.

Aos meus professores do Curso de Antropologia, os quais contribuíram com seus conhecimentos e experiência em sala de aula, especialmente o professor MSC, Ismael Negreiros um dos quais incentivou com o seus conhecimentos, na qual lhe admiro, pela sua capacidade e experiência, o mesmo cada vez mais trazendo métodos novos para aprendizagem do aluno.

Aos meus interlocutores lideres da Comunidade Índígena Guanabara III, Augusto Manoel Pinheiro, Eladio Fernandes da Silva, os demais que puderam e contribuíram nesta pesquisa da melhor forma possível.

Á todos o meu muito obrigado.

## RESUMO

O trabalho apresenta uma etnografia sobre a Prática de Futebol de Campo na comunidade Indígena de Guanabara III, comunidade pertencente a zona rural do município de Benjamin Constant –AM, no ano de 2019. Teve como objetivo compreender a sociabilidade entre os grupos étnicos Ticuna e Kokama existentes nessa localidade, analisando a interatividade versus inter-relação dos grupos étnicos em eventos esportivos. A construção da pesquisa abrangeu revisão bibliográfica, entrevistas e observação participante. Através desses recursos foi possível compreender o cotidiano desses atores sociais, que são envolvidos nos eventos, percebeu-se que a interatividade entre os povos indígenas e não indígenas é importante para o processo de reconhecimento e desenvolvimento cultural, a partir dos relatos dos sujeitos da pesquisa. Participaram da investigação 8 lideranças comunitária dentre elas, o primeiro Cacique, vice Cacique, o técnico em enfermagem da comunidade, o Coordenador da Escola e morador da comunidade, o agente comunitário de Saúde, uma professora da escola, um morador, o Coordenador da Escola Municipal Pedro Alves. No percurso da pesquisa, as relações observadas sugerem a elaboração de projetos, programas e eventos que possam incentivar ainda mais os jovens das comunidades ribeirinhas do município de Benjamin Constant a ter uma vida saudável na prática do esporte, livrando-se os mesmos do mundo das drogas, sendo que a cada passo diante das realizações possam ter fundamentos na vida dos atletas ribeirinhos tornando - os valorizados e respeitados.

Palavras-chaves: Indígena; Sociabilidade; Futebol; Campeonato; Esporte

## **RESUMEN**

El trabajo presenta una etnografía sobre la práctica del fútbol de campo en la comunidad indígena de Guanabara III, una comunidad perteneciente a la zona rural del municipio de Benjamin Constant - AM, en el año 2019. Su objetivo era comprender la sociabilidad entre los grupos étnicos Ticuna y Kokama. existente en este lugar, analizando la interactividad versus la interrelación de grupos étnicos en eventos deportivos. La construcción de la investigación incluyó revisión bibliográfica, entrevistas y observación participante. A través de estos recursos fue posible comprender la vida cotidiana de estos actores sociales, que participan en los eventos, se dio cuenta de que la interactividad entre los pueblos indígenas y no indígenas es importante para el proceso de reconocimiento y desarrollo cultural, a partir de los informes de los sujetos de investigación. . Ocho líderes de la comunidad participaron en la investigación, entre ellos, el primer Cacique, el vice Cacique, el técnico de enfermería de la comunidad, el coordinador escolar y el residente de la comunidad, el agente de salud comunitaria, un maestro de escuela, un residente, el coordinador de la escuela Municipal Pedro Alves. En el curso de la investigación, las relaciones observadas sugieren el desarrollo de proyectos, programas y eventos que pueden alentar aún más a los jóvenes de las comunidades ribereñas del municipio de Benjamin Constant a tener una vida saludable en la práctica de deportes, librándose de ellos del mundo de los deportes. drogas, ya que cada paso antes de los logros puede tener bases en la vida de los atletas ribereños que los hacen valorados y respetados.

Palabras-chaves: Indígena; Sociabilidad; Fútbol; Campeonato; Esporte



## **LISTA DE SIGLAS**

JIRB – Jogos Indígenas Rural de Benjamin Constant

FUNAI – Fundação Nacional do índio

SEMED – Secretaria Municipal de Educação

IEADAM – Igreja Evangélica Assembleia de Deus no Amazonas

UFAM – Universidade Federal do Amazonas

SESAI – Secretaria de Saúde e Assistência Indígenas

CAIUA – Missão Evangélica Caiuá

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

OGPTB – Organização Geral dos Professores Ticunas Bilíngues

OGMITAS – Organização Geral das Mulheres Indígenas Ticunas do Alto Solimões

OMSPT – Organização dos Monitores de Saúde do Povo Ticuna

FOCCITT – Federação das Organizações dos Caciques e Comunidades Indígenas da Tripo Ticuna

AMIT – Associação das Mulheres Indígenas Ticunas

JEEIB – Jogos das Escolas Estaduais Indígenas Benjaminense

## LISTA DE IMAGENS

Imagem 1: Comunidade de Guanabará III.....	15
Imagem 2: Mapa da Região da comunidade de Lauro Sodré.....	16
Imagem 3: Igreja Evangélica de Guanabará III.....	19
Imagem 4: Escola Evangélica Bojfelt.....	20
Imagem 5: Escola Municipal Indígena Pedro Alves.....	21
Imagem 6: Campo de Futebol da Comunidade de Guanabará III.....	22
Imagem 7: Jovens Indígenas praticante do Futebol.....	23
Imagem 8: Antiga Unidade de Saúde.....	24
Imagem 9: Novo Posto de Saúde da Comunidade de Guanabará III.....	25
Imagem 10: Casa Comunitária .....	26

## EPIGRAFE

“O futebol praticado, vivido, discutido e teorizado no Brasil seria um modo específico, entre tantos outros, pelo qual a sociedade brasileira fala, apresenta-se, revela-se, deixando-se, portanto, descobrir”.

ROBERTO DA MATTA

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	13
CAPITULO I.....	15
1.1 Identificação do Campo de Pesquisa.....	15
1.2 Breve Histórico da Comunidade Indígena de Guanabará III.....	15
1.3 Etnologia sobre os Ticunas.....	27
CAPITULO II.....	30
2.1 Trajetória acadêmica: O autor como parte integrante da pesquisas.....	30
2.2 Caracterizando e organizando o estudo: Campo e metodologia antropológica.....	33
2.3 No campo de pesquisa: O contato com os residentes da comunidade de Guanabará III....	36
CAPITULO III.....	39
3.1 Aspectos etnográficos futebol enquanto elemento de sociabilidade indígena.....	39
3.2 O futebol interno no interior da comunidade: Aposta X Torneios .....	42
3.3 Participação em campeonatos regionais.....	44
Considerações Finais.....	46
Referências Bibliográficas.....	48

## INTRODUÇÃO

Esta pesquisa etnográfica versa sobre a Prática de Futebol de Campo na comunidade Indígena de Guanabara III, comunidade pertencente a zona rural do município de Benjamin Constant – AM, no ano de 2019. Participaram da pesquisa etnográfica os líderes da comunidade, os professores, e as pessoas que se consideram praticantes amadores do futebol. O principal objetivo foi compreender a questão da sociabilidade entre os grupos étnicos Ticuna, Kokama existentes nessa localidade, analisando a interatividade versus inter-relação dos grupos étnicos em eventos esportivos, a partir de um estudo qualitativo, pois a prática do esporte nas comunidades indígenas vem crescendo e com ele o espírito competidor aumentando. Desta forma, proponho o olhar para os eventos que são realizados nesta comunidade, uma vez que esta pratica é oriunda de outro grupo étnico, assim o futebol estar sendo praticado dentro das comunidades indígenas como uma manifestação favorável a socialização de cultura.

A escolha da temática se deu pelos eventos esportivos que acontecem nas comunidades indígenas, pela grande manifestação de comunidades indígenas nesses eventos, pois além das comunidades indígenas pertencente ao município de Benjamin Constant, outras comunidades de outros municípios também participam, deste modo tal fato me fez analisar a importância da abordagem dessa temática e em inúmeras situações de sociabilidade durante os eventos.

Ao observar o cotidiano desses atores sociais, que são envolvidos nos eventos, percebe-se em muitos casos que, a interatividade entre os povos indígenas e não indígenas é importante para o processo de reconhecimento e desenvolvimento cultural, desse modo a análise da pesquisa torna-se pública em caráter científico, sobre pesquisa em campo, diante de uma inter-relação plausível entre os grupos étnicos, que adotaram o futebol de campo como pratica cultural para que se mantenha essa convivência plena e a socialização de conhecimentos envolvendo habilidade, talento, capacidade, respeito e reconhecimento através do futebol.

É importante pensar em pontos positivos, na realização dos eventos esportivos, pontos que possam contribuir nos aspectos de desenvolvimento social, sociabilidade cultural, dignidade, respeito e reconhecimento em manifestação cultural entre povos étnicos ou não. Diante do olhar etnográfico sobre a prática do futebol na comunidade indígena de Guanabara

III, vamos ter uma noção dos aspectos de desenvolvimento tradicional dos grupos, mediante uma manifestação cultural praticada entre os povos indígenas e não indígenas, como também a relação e sociabilidade cultural entre os mesmo em eventos interativos.

Este trabalho estar dividido em três capítulos: o primeiro apresenta a identificação do campo, onde faço um breve histórico da comunidade de Guanabara III, sintetizando a Etnologia Ticuna como um grupo socializador diante da visão no campo de pesquisa; o segundo capítulo; relata minha trajetória acadêmica e a organização destas pesquisa; o terceiro capítulo aborda aspectos etnográficos do futebol, enquanto elemento de sociabilidade indígena, assim demonstro o futebol interno no interior da comunidade, aposta X torneios e a participação em campeonatos regionais.

Diante dos estudos usufruímos de textos e referencial que abordam essa referida temática como VOLPATO (2002), ROGRIGUES (2014), SHIGUNOV e PEREIRA (1993), BROTTTO (1997) dentre outros. Por fim trago as minhas as considerações finais de forma sucinta as grandes perspectivas do trabalho, na construção do conhecimento.

## CAPITULO I

### 1. 1 Identificação do Campo de Pesquisa

O referente histórico da comunidade indígena Guanabara III trata – se de contextualizar o local de pesquisa, para compreendermos a trajetória de formação, a princípio conhecer como foi a sua fundação, e seus fundadores a quem chegou a contribuir e a construir a comunidade. Esse trabalho faz parte da pesquisa etnográfica iniciada no estágio supervisionado no primeiro semestre de 2019.

Para a construção do histórico da comunidade foi necessário realizar entrevista em áudio gravação por que o tempo era muito curto, os interlocutores que fizeram parte deste contexto histórico foram: Augusto Manoel Pinheiro, primeiro Cacique, vice Cacique Eladio Fernandes da Silva, Ezequiel Honorato Pinheiro técnico em enfermagem da comunidade, Moises Ricardo Manoel Coordenador da Escola, Raimison Araújo morador, Alcimar Ernesto Correio agente comunitário de Saúde, Maria Benedito Fernandes professora da escola, José Pereira da Silva morador, Antônio Marques da Silva, Coordenador da Escola Municipal Pedro Alves dentre outros da comunidade que contribuíram diretamente para entender a parte introdutória do trabalho proposto.<sup>1</sup>

### 1. 2 Breve Histórico da Comunidade Indígena de Guanabara III

**Figura 01:** Centro da comunidade



**Fonte:** TANANTA,Valdenilson, Setembro de 2019

---

<sup>1</sup> Informo que todos aceitaram ter suas identidades reveladas.

A comunidade indígena Guanabara III, pertence ao município brasileiro de Benjamin Constant - Amazonas, situada na Mesorregião do Alto Solimões à margem direita do rio Solimões. O meio de chegada à comunidade dar-se unicamente por meio fluvial, de Benjamin Constant à Guanabara III, custa aproximadamente quarenta e cinco minutos, no motor rabeta (isso na descida das águas do Rio Solimões, na volta demora cinquenta minutos por causa da correnteza das águas).

**Figura 2.** Mapa de Lauro Sodré



**Fonte:** [siteprotectedplanet.net](http://siteprotectedplanet.net)

As datas comemorativas realizadas pela comunidade de Guanabara III são os festejos da Fundação da comunidade, no dia 06 de maio 1973 o aniversário da Igreja dia 25, 26, 27 de agosto 1999, o dia do Índio 19 de Abril, também festas comemorativas do calendário escolar. Nestas comemorações tudo é preparado com o empenho dos moradores da própria comunidade que com empenho e dedicação, tomam a frente são os líderes da comunidade.

A comunidade indígena de Guanabara III até 1963 era terra devoluta, não morava nenhuma família, após chegaram três famílias vindas do Ceará na época da borracha. O Senhor Washiton Júlio Coelho e sua esposa Lindalva, o casal na época tinha oito filhos, o senhor Raimundo Marques da Silva e sua esposa Maria Barbosa, o casal tinha na época sete filhos e o senhor Manoel Dias da Silva e sua esposa Augusta, essas três famílias foram as primeiras a morar na localidade que hoje é conhecida como Comunidade Indígena de Guanabara III. Nessa época apenas moravam essas famílias, ainda não era área demarcada como Terra Indígena, essas famílias cultivam, sobreviviam da agricultura, como sendo um lugar calmo e também de farturas, a área de terra firme resolveram construir suas moradias.



Segundo os moradores da comunidade no ano de 1969 começaram a chegar os primeiros indígenas na localidade, as primeiras famílias indígenas da etnia Ticuna foram a família do senhor Manoel Fernandes Pedrosa e sua esposa a senhora Alice Belisa Benedito depois foi o seu Ricardo Fidelis Bento e sua esposa a senhora Dona Alice Luciano, os dois casais vieram do município de São Paulo de Olivença, buscando a sobrevivência da família em um lugar de terra firme, os mesmos chegaram aqui para vender seus produtos como; farinha, banana, peixe, carne, tracajá, dentre outros e passaram a residir nesta área.

As famílias que ali chegaram, observaram que na área era farto em fauna e flora, na caça, pesca resolveram ficar, pois vieram da comunidade indígena Asakaia, comunidade essa que pertencente ao município de São Paulo de Olivença os mesmos eram explorados e vendiam seus produtos bem mais baratos, ficaram na localidade, mais precisamente lá nos fundos da comunidade, onde tinha o igarapé e passaram na época trabalhar e vender seus produtos para a família do senhor Vitor Magalhães. Porém ao chegar ao igarapé já havia três famílias residindo nesta localidade, as três famílias não indígenas.

No ano de 1969 os indígenas Ticuna que chegaram na localidade continuaram a morar no igarapé na várzea e os não indígenas moravam em terra firme na margem do Rio Solimões uns separados dos outros. Os indígenas estavam com muita dificuldade devido a enchente e resolveram falar com as famílias não indígenas e pediram licença para residir junto em terra firme. No entanto o senhor Manoel Fernandes Pedrosa pediu licenças das famílias não indígenas e os mesmos aceitaram e as famílias passaram a conviver juntos na mesma localidade.

Na convivência das famílias indígenas e não indígenas os mesmos decidiram se reunir para correr atrás de melhoria para o povoado, pois na localidade havia crianças sem estudar, e os mesmos precisavam de acompanhamento vigilante de saúde foi então que em meio às reuniões escolheram o senhor Manoel Fernandes Pedrosa para representar o povo daquela localidade, o mesmo foi escolhido por ser um senhor de idade e por sua experiência de vida. Portanto residiu as famílias indígenas e não indígenas nesta localidade, uns respeitando o outro e os espaços plantavam e cultivam a terra em busca da sobrevivência, tiravam dos igarapés os seus sustentos, porém diante da convivência de um certo tempo passaram a acontecer alguns conflitos entre indígenas e não indígenas, devido a posse de terras e exploração do lugar e o reconhecimento.

O Senhor Manoel Fernandes Pedrosa foi o primeiro cacique da localidade, o mesmo sentiu a necessidade de buscar melhorias para a localidade, buscando então o reconhecimento

pela FUNAI, e foi no dia 06 de maio de 1973 que a comunidade foi fundada, porém mesmo sendo fundada, a referida localidade ainda não era legalizada. No ano 1973 as famílias indígenas e não indígenas passaram a ter conflito entre eles, e em 1976 os não indígenas saíram da localidade por conflitos de convivência e não aceitarem o reconhecimento de ser indígena, os mesmos não gostavam de realizar as festas étnicas culturais das famílias Ticuna, enquanto os indígenas não aceitavam o consumo de bebidas alcoólicas pelos não indígenas, desta forma resolveram sair e ir morar na cidade de Benjamin Constant. Permanecendo apenas um não indígena o senhor Antônio Marques da Silva, pois o mesmo tinha casado com uma indígena Ticuna e construído sua família.

A demarcação de Terras indígenas deu prioridade aos indígenas que habitavam neste local, de acordo com o senhor Antônio, os moradores não indígenas não foram indenizados pela (FUNAI), devido não ter deixado plantação de árvores frutíferas e nem árvores em madeira de lei, os mesmo tinham somente roça deste modo tiveram que deixar o local. Mas precisamente em 1983 os moradores indígenas tiveram a documentação em mãos oficializando a localidade como Terras Indígenas, onde as famílias indígenas passaram a buscar o desenvolvimento desta localidade.

A luta foi incansável pela demarcação das terras indígenas e pelo reconhecimento da localidade, essa busca incessante de melhoria para as famílias dessa localidade em 2003 a (FUNAI) reconheceu a localidade como área indígena e foi demarcada como área indígena pertencente a terras indígenas de Lauro Sodré, em junção das quatro comunidades: São Luiz, São Joao de Veneza, Guanabara III e Lauro Sodré a partir daí as transformações foram acontecendo e os benefícios foram surgindo tornando a localidade mais prazerosa e harmônica, pois a localidade foi reconhecida e recebeu o nome de Comunidade Indígena de Guanabara III, a mesma recebeu este nome devido ao igarapé que existe na localidade então o Cacique na época quis homenagear a grande fonte de riqueza e fartura que existe nesta localidade.

Ultimamente a comunidade vem crescendo, devido os casamentos, vários Ticuna vieram do Peru, da comunidade indígena Ticuna Belém do Solimões que pertence o município de Tabatinga / Brasil, das proximidades da Colômbia e dentre outros lugares, fazendo com que a comunidade crescesse, umas das normas do Cacique é que os rapazes e moças casem e continuem morando na comunidade, desta forma mantendo o crescimento populacional local.

Atualmente residem doze famílias: 4 descendentes de peruanas, três descendentes de colombianas e cinco famílias brasileiras (sendo elas indígenas das etnias Ticuna e Kokama) que se casaram com os indígenas Ticuna de Guanabara III e reside na mesma. A comunidade é composta por um total de 573 moradores, sendo 250 homens, 200 mulheres e 123 crianças, sendo todos da etnia Ticuna praticante da cultura e falante da língua materna. Na comunidade há uma igreja evangélica, uma escola municipal, dois postos de saúde e uma casa de reunião, todas essas conquistas foram legados dos caciques que lutaram pelo desenvolvimento e melhoria do povo indígena que reside neste local.

**Figura 03:** Igreja evangélica de Guanabara III



Fonte: TANANTA, Valdenilson, Setembro de 2019

Em 1999 os missionários capuchinhos chegaram na comunidade, em visita a localidade fazendo algumas atividades de evangelização, capacitação em educação, saúde, tanto para jovens, crianças e adultos. Os capuchinhos tinham o intuito de aprender a língua Ticuna e a partir daí compreender a língua para traduzir a bíblia sagrada para a língua Ticuna. Neste mesmo ano passaram a construir uma igreja e evangelizar alguns moradores da comunidade de Guanabara III, com isso alguns moradores deixaram de praticar os rituais culturais como a festa da moça nova. Neste mesmo ano chegaram na comunidade de Guanabara III, os Coreanos que vieram visitando as comunidades e passaram a evangelizar por aqui realizando suas atividades, referente a igreja evangélica, onde vários rapazes e moças participaram das chamadas atividades de evangelização e formação em teologia, alguns deixaram de praticar a cultura e passaram a participar dos cultos da igreja evangélica.

A referida igreja tornou-se de extrema importância dentro da comunidade pelo fato de evangelização dos jovens, crianças e adultos, por isso os moradores têm a igreja como patrimônio da comunidade, na qual recebeu o nome de Igreja Evangélica de Guanabara devido à chegada de outras missões e sua importância em suas atividades educacionais de evangelização.



**Figura 04:** Escola evangélica “Investir para o futuro. Escola Bojfelt”

**Fonte:** TANANTA. Valdenilson. Setembro de 2019

Dentre as atividades da igreja há uma escolinha chamada Bojfelt nome dado em homenagem aos Italianos que criaram um Projeto escolar na comunidade de Guanabara, mesmo sendo da igreja o prédio da escola, nela funciona as aulas do município e do estado. A igreja tem uma cozinha, que pertence à comunidade, e é neste local que acontecem as refeições do povo que vem prestigiar os eventos na comunidade. Nos dias 25, 26 e 27 de agosto a igreja sempre comemora o seu aniversário, onde várias pessoas são convidadas vindo de outras localidades, que pertence o município de Benjamin e Tabatinga e também indígenas da Colômbia e do Peru que prestigiam veem prestigiar o aniversário da igreja evangélica, algumas comunidades como, Porto Espiritual, Umariacú I e II, Belém do Solimões, Lauro Sodré, São João de Veneza, nunca deixaram de participar desse evento.



**Figura 05:** Escola Municipal indígena Pedro Alves

**Fonte:** TANANTA. Valdenilson. Setembro de 2019.

A Escola Municipal Indígena Pedro Alves foi reformada no ano de 2010 durante a gestão do prefeito municipal José Maria da Silva Junho, sendo reconstruída com estrutura física em alvenaria, a mesma tem quatro salas de aula, uma sala de coordenação pedagógica, uma cozinha com espaço pequeno, a referida escola não possui banheiros, porém no ano passado a escola entrou em reforma com pinturas e uma ampliação.

Agora a escola é da comunidade, mais pertence ao município de Benjamim Constant, a mesma se encontra logo no porto da comunidade e é reconhecida pela secretaria de educação do Município – SEMED, a escola atende alunos cursista do maternal ao 9º ano, no turno matutino atende a educação infantil ao 5º ano, no turno vespertino a mesma atente do 6º ao 9º ano. A escola funciona no turno noturno houve uma necessidade de atender alunos cursistas ao ensino médio. No entanto em parceria com Escola Estadual indígena Professor Gildo Sampaio Megatanacu situada na comunidade indígena Ticuna de Filadélfia pertencente ao município de Benjamim Constant, criou – se um anexo da escola que oferta aulas mediado por tecnologia, que vai do 1º ao 3º do ensino médio. A escola atende uma demanda grande de alunos que residem nas comunidades mais próximas como São Luís, Lauro Sodré São João de Veneza.

A referida escola tem em sua equipe de profissionais 14 professores sendo indígena e não indígena, 5 servidores moradores da própria comunidade, definidos 08 professores trabalham no turno matutino sendo 06 professores indígenas e 02 não indígena que moram no

município de Benjamin Constant, pelo turno vespertino trabalham 06 professores sendo 04 professores indígenas e 02 professores não indígenas residentes ao município de Benjamin Constant, os cinco servidores são definidos como 01 merendeira que atende ao dois turnos, 03 motoristas da própria comunidade que trazem os alunos das suas respectivas comunidades e um serviço geral que também atende os dois turnos na limpeza da escola.

A escola tem também sua precariedade, pois nem todos os alunos estudam na escola devido o prédio da escola ser pequeno e a demanda de alunos ser grande. No entanto a escola atende no total 12 turmas aproximadamente mais de 200 alunos nos dois turnos, para garantir as aulas os professores usam a cozinha da igreja e a casa de reunião como salas de aulas, na referida escola a também uma socialização de culturas, pois a mesma atende alunos indígenas e não indígenas, pelo turno noturno a escola anexo atende aproximadamente 80 alunos cursista do ensino médio, quando os alunos da comunidade terminam o ensino médio, a maioria deles prestam as provas do vestibular das duas Universidades, UFAM (Universidade Federal do Amazonas) e da UEA (Universidade do Estado do Amazonas), porém outros preferem logo estudar cursos técnicos profissionalizantes.



**Figura 06:** Campo de futebol

**Fonte:** TANANTA. Valdenilson. Setembro de 2019.

Durante a semana as aulas são normais 4 horas, ministrando as disciplinas da grade curricular de ensino como: Língua, Portuguesa, Língua Materna, Matemática, Ciências, Historia, Geografia, Formas próprias de educar (disciplina exigida para ensinar a cultura da própria etnia), Ensino das Artes e Educação Física. A disciplina de educação física vem sendo

um fortalecimento de talentos na comunidade, pois existem crianças, jovens e adultos que são jogadores dos times da classe “A” do campeonato Benjaminense. É deste modo que sabemos da grande importância que tem a recreação da educação infantil e as aulas de educação física do ensino fundamental na grade curricular de ensino. Os alunos da Escola Municipal Pedro Alves realizam suas atividades de educação física todas as sextas-feiras no campo de futebol que construíram na frente da comunidade no espaço de várzea.

É realmente neste horário de educação física que os alunos tem, sobre orientação do professor técnicas e habilidades para ser um bom jogador de futebol, o mesmo leva a sério as aulas, os alunos mais ainda com aquele espírito de competição, porém o professor não deixa também de ligar as aulas teóricas com as aulas pratica para que juntos possam alcançar seus objetivos e adquirir seus conhecimentos sobre a importância do alongamento, aquecimento, do respeito pelo próximo, regras, estratégia, táticas e toda aquela preparação física e mental do verdadeiro jogador competidor. Um dos pontos trabalhados aos alunos indígenas o mais citado pelo professor é a timidez dos alunos que deve ser trabalhado, pois sem o diálogo o mesmo acredita que, não acontecerá um bom desenvolvimento no campo a interatividade entre eles é muito importante para que haja boas estratégias e bons desenvolvimentos dentro do campo.



**Figura 07:** Jovem indígena Ticuna praticando futebol

**Fonte:** TANANTA. Valdenilson. Setembro de 2019

Durante as aulas de educação física, os meninos e as meninas fazem os alongamentos juntos, no mesmo horário, porém as meninas fazem alongamentos com as meninas e os meninos fazem o alongamento com os meninos, como também os jogos acontecem em times

mistos jogando meninas e meninos, havendo competição dos times masculinos, femininos e misto.

A organização dos times e dos jogos, o professor fica responsável em desenvolver e usar suas as melhores metodologias. Essas aulas são momentos fundamentais de aprendizado destacando o espírito esportivo, o respeito com o próximo, a socialização de culturas, a qualidade de saúde e a descoberta de novos talentos e habilidades, a maioria dos alunos da referida escola aproveita todos os ensinamentos nas aulas de educação física, para usufruir nos campeonatos que acontecem nas comunidades próximas. Eventos esses de suma importância para o desenvolvimento cultural, através da socialização e confraternização entre povos e culturas diferentes.

Nesses eventos muitos jovens talentos são reconhecidos através das suas habilidades, um fato importante que acontece nesses eventos e os romances que acontecem durante os eventos muitos deles casam com meninas e meninos de outras comunidades, formam famílias e passam construir moradias na própria comunidade. Sempre vai haver pontos positivos e negativos na realização dos eventos comemorativos, um dos pontos positivos realmente é a socialização e a confraternização entre culturas, os pontos negativos, um deles primordial é o consumo de bebidas alcoólicas, mais sobre tudo os pontos positivos são mais favoráveis do que os pontos negativos na realização dos eventos, desde modo a comunidade não deixa de realiza-los.



**Figura 08:** Antiga Unidade de Saúde.

**Fonte:** TANANTA. Valdenilson. Setembro de 2019



Na comunidade de Guanabara III foram construídos dois postos de saúde, o primeiro posto de saúde foi construído em 2005, na época o mesmo atende somente os moradores da própria comunidade. Nesta época o posto de saúde da comunidade tinha apenas um técnico de saúde, residente na própria comunidade o senhor Ezequiel Honorato Pinheiro, onde o mesmo levava os pacientes de urgente para o posto de saúde na comunidade indígena de Filadélfia, embora não havendo muitas urgências o referido técnicos trabalhava em prol da qualidade de saúde dos moradores da comunidade, em visitas, tratamento de água, curativos dentre outros atendimentos de saúde.

Devido às reivindicações e cobrança dos comunitários de Lauro Sodré, São João de Veneza, Guanabara II, São Luís e Novo Oriente sobre a saúde indígena. No ano 2018 a comunidade de Guanabara III, ganhou a construção de um novo posto de saúde, com a parceria da Prefeitura Municipal de Benjamin Constant, SESAI (Secretaria de saúde Indígena). A construção foi através de votação dos líderes das comunidades que escolheram através da democracia sobre votos, o lugar onde o referido posto seria construído, o posto levou um ano para ser construído e o mesmo foi inaugurado no dia 31 de março de 2019, sendo um posto anexo do posto Polo Base de Filadélfia da comunidade indígena Ticuna de Filadélfia.



**Figura 09:** Unidade Básica de Saúde Guanabara III

**Fonte:** TANANTA. Valdenilson. Setembro de 2019

A implementação do posto que agora denominado como polo base de saúde indígena da comunidade de Guanabara III, atendendo os moradores das comunidades da calha, as comunidades que fazem parte do polo são: Lauro Sodré, São João de Veneza, Guanabara II e Guanabara III, São Luís e Novo Oriente.

No referido posto de saúde da comunidade de Guanabara III, atualmente trabalham três funcionários contratados pela empresa CAIUA (Missão Evangélica Caiuá), com a parceria da SESAI, na grade de profissionais do posto de saúde possui um técnico de enfermagem, o senhor Ezequiel Honorato Pinheiro, dois agentes da saúde, o senhor Alcimar Coreia Ernesto e a senhora Olinda Torcato Pinheiro, os agentes de saúde atendem todas as comunidade que pertencem à área do polo base de Lauro Sodré, sobre orientação médica, auxiliam sobre os encaminhamentos dos pacientes que tem mais urgência médica, levando os mesmo ao posto da comunidade de Filadélfia, dependendo da gravidade é transferido para a cidade de Benjamin Constant ou Tabatinga.

Na comunidade de Guanabara III, foi construída uma casa de reunião um patrimônio essencial para os comunitários, é neste local que cada morador tem direito a voz e voto. A casa de reunião da comunidade de Guanabara III foi construída em 2006, na época era uma exigência de todos os moradores e inclusive uma das propostas dos Caciques candidatos, porém o Cacique eleito na época pela maioria construiu junto com alguns comunitários a casa comunitária de reunião, onde todo o morador tem a árdua missão de preservar o lugar. Os moradores acreditam que o local tem uma grande importância, ter um local onde possam discutir dialogar e socializar os fatos, os acontecimentos, as tomadas de decisões, as ideias, reivindicar as melhorias para a comunidade. Hoje a referida casa de reunião tornou-se um lugar especial, pois além de acontecer às reuniões, são feitas algumas comemorações em datas festivas da comunidade.

**Figura 10:** Casa comunitária



**Fonte:** TANANTA. Valdenilson. Setembro de 2019

A casa comunitária de reunião tornou-se um patrimônio da comunidade, onde todos os Caciques que forem eleitos deixam claro que um dos seus legados é a manutenção e o cuidado zeloso da casa de reunião. E também é nela que são resolvidos os problemas internos e externo da comunidade, como a Saúde, a Educação, o Alcoolismo que vem afetando a comunidade, as Drogas vindas das cidades próximas como; Benjamim Constant, Tabatinga, e também porque a comunidade ficar próxima das Cidades de Fronteira do Brasil, Peru e Colômbia. Por isso a casa de reunião é importante porque é nela que são resolvidos os problemas tanto para o bem da comunidade e como também sobre estas problemáticas que lhe afetando.

### **1. 3 ETNOLOGIA SOBRE OS TICUNA**

Os povoados indígenas da etnia Ticuna em aldeias faziam por hora grandes percursos nômades foram e são uma população de indivíduos que sempre fizeram presença marcante na região do Alto Solimões. São no entanto, diversos grupos étnicos indígenas que vivem na região do Alto Solimões e afluentes, mas nesse escrito irei relatar apenas sobre o povo Ticuna, o grupo indígena mais numeroso da região. A população da etnia Ticuna tem aproximadamente 46.065 mil pessoas, segundo o Censo do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE 2010).

De acordo com Gárces (1996):

Hoy en día, los Ticuna constituyen el grupo indígena más numeroso que ocupa la actual region fronteriza entre Brasil, Colômbia y Perú, compartiendo território com otros grupos indígenas como los Yagua, Cocama, Huitoto, Culinas y Mayoruna y con la poblacion blanca y mestiza de los respectivos Estados nacionales que hay dividen dicha região. (GÁRCES,1996, p. 18)

Esses são os grupos que habitam essa região, porem o grupo mais número são os Ticuna. O povo Ticuna vem sofrendo ao longo dos anos de “colonização” grandes mudanças que afetam seu modo de vida, apresentando-se como uma “dificuldade” para manter seu estilo de vida, que antes da chegada do homem branco realizava seus rituais de acordo com a sua mitologia e crença, hoje nos dias atuais esse esplendor aparece como pano de fundo devido a

fatores exteriores do grupo, que com a proximidade com o homem branco foi sendo incorporado as vezes por imposição física ou por indução<sup>2</sup>. (OLIVEIRA, 1996, p.79)

A palavra rituais no plural porque o povo Ticuna não faz apenas a “festa da moça”<sup>3</sup>, como e dito, falado, escrito por pessoas que não conhece de fato as raízes do Ticuna.

De forma resumida podemos apresentar como o povo Ticuna surgiu, de acordo com a mitologia do grupo, uma vez que não vamos nos adentrar em dialogar profundamente sobre o apontamento desse grupo.

Para início de diálogo, e de acordo com o pensamento do Ticuna, podemos dizer que o grupo surgiu na região do Eware, pescados pelos irmãos Yoi e Ipi, entidades míticas que deram vida ao grupo indígena Ticuna.

Desde então, o grupo indígena formou e se transformou em diversos grupos interligados por parentesco ou por aproximação dos rituais praticados. Ao longo da sua história já protagonizou inúmeros confrontos com os invasores de terras, sendo que os indígenas, tanto das etnias Ticuna quanto das outras etnias (Kocama, Korubos, etc.) sempre foram massacrados, mortos, escravizados, usados com mão escrava em diversas atividades de produção, dentre elas podemos citar, a madeireira, exploração do látex (época da exploração da borracha), etc. (ALMEIDA, 2015, p.50).

No entanto, vem se abastecendo com elementos do homem branco para lutar pelos seus direitos diante da sufocante pressão exercida pela exploração em todos os sentidos do seu povo. Um desses gatilhos foram e são a organização dos grupos indígenas, criação de organizações que buscam dialogar com a sociedade sobre os requisitos básicos para a sobrevivência do povo Ticuna. (MENDES, 2014, p.38).

Podemos observar algumas dessas organizações;

o senhor Reinaldo Otaviano do Carmo (liderança ligada ao campo de educação), senhora Isabel Francisco Fernandes (liderança que ajudou a fundar a Organização Geral das Mulheres Indígenas Ticuna do Alto Solimões- OGMITAS), João Vasquez (um dos primeiros Agentes Indígenas de Saúde Ticuna- AIS; responsável pela criação da Organização dos Monitores de Saúde do Povo Ticuna- OMSPT), Alírio Mendes (um dos fundadores da Organização Geral dos Professores Ticuna Bilíngue- OGPTB), Sansão Ricardo Flores (atual presidente da OGPTB), Paulo Honorato Mendes (atual presidente da Federação das organizações dos Caciques e Comunidades Indígenas da Tribo Ticuna- FOCCITT), José Honorato Mendes (AIS

---

<sup>2</sup> A palavra indução se refere aqui aos elementos introduzidos do exterior em direção aos grupos indígenas, aqui incluídos todos os grupos, que são afetados principalmente com a chegada das tecnologias do mundo moderno. Não que “essa tecnologia”, não apresentou fundamentos importante para a conservação, informação, etc., dos grupos indígenas.

<sup>3</sup> Ler NIMUENAJU. Curt. Os índios Ticuna. Belém do Pará. 1929.

de Umariacu II) e dona Hilda Félix (uma das fundadoras da Associação das Mulheres Indígenas Ticuna- AMIT). (ALMEIDA, 2015, p. 16)

Nesse contexto podemos destacar, a ligação com o exército brasileiro, com a religião, através dos missionários que por muito eram quem fazia os primeiros contatos com os índios ditos isolados.

A religião possibilitou ou melhor agregou vários grupos indígenas em aldeias, fazendo com se formassem “comunidades” ao redor do estabelecimento de algum tipo de missão, e dentre elas os missionários e a missão da cruzada foram as que mais tiveram influência na organização e grupos de moradias ao longo dos rios da região. (LIMA, 2013, p.73).

Nesse sentido Almeida vai dizer que;

A implantação dos PIT`s em contextos distintos introduzir novas ordens de relações entre índios, patrões locais e funcionários do órgão indigenista, exigindo dos agentes presentes nessas situações históricas a habilidade de promover novas estratégias e arranjos políticos e sociais capazes de lhes assegurar uma posição confortável na teia de relações de poder existente. (ALMEIDA 2015, p. 28)

Esses elementos que apresentados por Almeida (2015), possibilita visualizar as situações políticas vivenciadas pelo povo Ticuna, tendo nesse plano as organizações sociais que abasteceram toda uma rede de discursão em busca de frutificação em favor das cooperativas entre o grupo indígenas e massa branca, que contém a dominância do poder.

Em relação ao contato com a religião podemos dizer que os indígenas principalmente os Ticuna foram os que mais se concentraram ao redor das missões, onde essas buscaram alienar o indígena a viver aos moldes e traços do colonizador. Assim, tivemos lá os seus confrontos, em que o Ticuna não deixava de praticar alguns dos seus principais rituais, mesmo com a proibição por parte da igreja.

Podemos observar esse contexto em Lima quando se refere que,

Os Ticuna tiveram seu primeiro contato com o Cristianismo através da relação com os Jesuítas da companhia de Jesus dentro de um processo de tentativa de Catequização, o que de certa forma não ocorreu como o esperado devido a diversos fatores, entre eles a falta de entendimento da mensagem pelos evangelizadores por parte dos nativos. (LIMA, 2013, p. 63).

Até nos dias atuais temos elementos ritualísticos que são proibidos em ocasião do empencilho trazidos com a igreja, que acreditava que esses rituais pagãos não tinham espaço no cotidiano do indígena.

Além do posicionamento dos missionários, embora tentassem passar a inclinação da igreja, os Ticuna pouco entendiam a real mensagem repassada por ele, e de certa forma como nos diz Lima, houve então uma frustração em evangelizar os indígenas. Não apenas esses foram os fatores que dificultaram na passagem da mensagem do evangelho, uma vez que não agradou os indígenas, o fato de não podem praticar seus rituais e sua crença nos mitos do povo.

Em síntese o grupo indígena Ticuna, vem ao longo dos anos, desde o momento de sua criação, pescados pelos irmãos míticos, sendo moldados, digo moldados pelo fato de sempre estarem buscando “formas” de sobrevivência, batendo de frente com o poderio branco através da criação de grupos e organizações sendo elas compostas por apenas indígenas, e também por indigenistas, instituições, pesquisadores e estudantes, que procuram esta ligados as lutas por melhorias para os grupos indígenas.

## **CAPÍTULO II**

### **2. 1 Trajetória acadêmica: o autor como parte integrante da pesquisa.**

Nasci no município de Benjamin Constant - Amazonas no ano de 1993, morei na comunidade de São Raimundo, onde passei parte da minha infância, logo após com pouca idade minha família migrou para a comunidade Indígena Kokama Guanabara II. E atualmente moro na sede do município, pela necessidade de ter acesso ao Ensino Superior.

Meus pais (Erlinda Aiambo Aicate e Nelsonês Laurente Tananta) residem na comunidade indígena Kokama de Guanabara II, uma vez que a comunidade de São Raimundo está localizada em área de várzea, e está sujeito a ficar alguns meses inundada pela subida do rio Solimões, outras comunidades que também fazem parte desses grupos “sofrem” com essa problemática.

O meu primeiro contato com a sala de aula como discente foi aos cinco anos de idade, em uma sala de aula improvisada, na comunidade de São Luiz, também pertencente ao município de Benjamin Constant.

A sala de aula improvisada, era em uma casa, com semelha de um galpão onde se realizavam reuniões comunitárias dos moradores, nessa “escola”, tinha apenas uma turma e o ensino era tradicional na forma de multiseriado, com alunos do 1º ao 3º ano iniciais.

Os motivos que me levaram a sair de uma comunidade para estudar em outra foi devido a escola de Guanabara II estava em construção, logo depois iniciaram as aulas na própria comunidade, onde estudei do 4º ao 9º ano do ensino fundamental.

Como morador da comunidade pude aproveitar bastante, desde muito cedo com 8 anos de idade, comecei a jogar bola dentro da própria comunidade com os vizinhos e familiares próximos. Nessa época, participei de um campeonato infantil realizado pela Prefeitura Municipal de Benjamin Constant, no qual o time que joguei se consagrou campeão.

No ano de 2010 comecei a estudar novamente, mas em outra escola na comunidade indígena de Porto Espiritual que a mesma pertence ao município de Benjamin Constant. No mesmo ano letivo comecei a cursar o ensino médio, sendo o 1º ano do ensino médio, no decorrer do ano de 2011 cursei o 2º ano e em 2012 cursei o 3º ano, assim terminando o meu ensino médio na Escola Municipal Indígena Cacique Manoel Florentino Meceracu.

Durante o tempo em que passei a estudar na referida escola da comunidade de Porto Espiritual comecei a fazer novas amizades com as pessoas da mesma comunidade os alunos indígenas, e também os não indígenas de outra comunidade próximas que estudavam lá, e assim fazíamos grupos que se encontravam aos finais de semanas para “jogar bola”.

Uma das dificuldades enfrentadas pelos alunos que morram em comunidades, também vivenciada por mim, são no trajeto realizada em pequenas embarcações feitas de madeiras e empurrada por um motor pequeno, chamado de motor rabeta, típicas da região amazônica.

Nesses percursos, os riscos eram de ser apanhado por temporal, que faz as ondas do rio subirem, podendo levar as canoas ao naufrágio (a canoa afunda por causa do temporal).

Uma outra dificuldade era as chuvas, que poderiam prejudicar os materiais didáticos, os materiais de escola. Quando formava tempo de chuva os alunos não seguiam para as escolas, ficavam em suas casas. O trajeto que percorri por três anos ao longo do ensino médio foi de 45 minutos da comunidade de Guanabara II até a comunidade de Porto Espiritual.

Durante os meus estudos na comunidade indígena de Porto Espiritual, fiz amizade com os professores, um deles foi o professor Ernane Nascimento um não indígena do Município de Benjamim que lecionava a disciplina de Educação Física nos dias de sexta-feira, levava os alunos para jogar bola no campo da comunidade.

Nesse horário de aula de educação física ele nos ensinava as regras do jogo não indígena, o respeito ao próximo, a confiança e a disciplina na hora do jogo. Foi nesses anos que obtive,

mas conhecimentos a respeito do futebol de campo e sua prática, ao mesmo tempo tendo a convivência com indígenas e não indígenas.

Com o incentivo do professor Ernane joguei no campeonato principal na sede do município de Benjamin Constant, participamos de jogos na cidade colombiana de Letícia e nos jogos “três fronteiras”, em São Paulo de Olivença, Tabatinga e na Comunidade de Feijoal, onde presenciei e participei do (JEEIB) Jogos das Escolas Estaduais Indígenas Benjaminense, no dia 30 de setembro de 2011.

E hoje atualmente neste ano de 2019 participei do campeonato na comunidade de Porto Lima, consagrando como vice - campeão, e também na comunidade de Porto Espiritual, e Porto Cordeirinho, onde construí mais laços de amizade com os parentes Ticuna. No ano de 2013 fiquei fora da sala de aula, por um motivo financeiro de locomoção, não tinha recurso para suficiente na época das matrículas para ir até a comunidade indígena de Feijoal pegar o certificado de conclusão do ensino médio e burocrático por que este trâmite de certificado deveria ser feito na própria escola em os alunos terminam o ensino médio.

No ano de 2014, o mesmo professor de educação física Ernane Nascimento mim escreveu no processo seletivo Macro Verão, um dos vestibulares da UFAM, no curso de bacharelado em Antropologia, então fiz as provas e fui um dos classificados.

Em primeiro momento ao ingressar na Universidade como calouro discente do curso bacharelado em Antropologia, não tinha noção sobre a importância do Curso, nem sua importância para a comunidade acadêmica, social e política.

Logo no primeiro período estudamos as disciplinas de Antropologia cultural, sociologia geral, Português instrumental, psicologia geral, matemática estática, informática básica. Pois essas disciplinas foram as primeiras disciplinas que despertaram o meu olhar e minha aprendizagem no curso.

Mas de início a disciplina da professora Ligiane Bonifácio que ministrou a disciplina de português instrumental e antropologia cultural, os estudos nos fez enxergar melhor as pretensões do Curso, no caso da antropologia logo de início ela pediu para nos discente produzir uma temática, para que no decorrer do curso ela pudessemos desenvolver.

Então proposto isso logo pude demonstrar a minha temática que pretendia trabalhar na minha graduação, que era sobre a prática do futebol de campo em comunidades ribeirinhas indígenas e não indígena.



No qual, vivenciando suas realidades, ideias e demonstrar a peculiaridades e realidades dos grupos étnicos que por ocasião realizam diariamente, seus costumes e seus modos de viver em pequenos povoados, chamados de comunidades.

Além disso um dos autores que chegou e me influenciou ainda mais no começo do curso foi Emílio Willens na disciplina antropologia urbana ministrada pela docente Vanuza Mesquita Sangama, com o conteúdo proposto pelo autor sobre o lazer e a lógica do espaço.

O mesmo fez a entender e ampliar minha visão de mundo e conhecimento, principalmente na abordagem a temática a respeito do lazer, diversão e interação entre culturas.

É importante salientar que a partir dos contatos com autores que também relatavam sobre ou tinham algum tipo de semelhança com a temática desse estudo, cada vez mais tinha a percepção sobre novas temáticas, mesmo assim procurei analisar os textos de forma completa para que pudesse entender as peculiaridades da realização de tais pesquisa, e assim trazer para a realidades da minha imersão no campo.

Dessa maneira, a trajetória da academia e dos tempos de escola nas comunidades é experiencial que me apoiaram na caminhada da pesquisa e na escrita do texto, fazendo com que me recordasse dos tempos em que estive nas canoas (embarcações pequenas) descendo e depois subindo o rio Solimões no trajeto escola, casa.

## **2. 2 Caracterizando e Organizando o Estudo: Campo e metodologia**

Com a temática “A prática do futebol de campo na Comunidade Indígena Guanabara III, situações da pratica esportiva dentro das comunidades ribeirinha nos aspectos de lazer, diversão, confraternização, interação e troca de conhecimento e cultura. Assim, com uma temática já proposta fiz minha imersão no campo, porém não contava com as problemáticas envolvidas no fazer campo, uma vez que os métodos a serem utilizados devem ser contextualizados e entendidos, para dessa forma nos conduza na nossa realidade nos caminhos percorridos em busca de dados que ajudem a compreender a temática proposta.

O enveredamento pelos caminhos da imersão no campo, passam pelos métodos a serem utilizadas, digo métodos no plural porque em dados instantes um método não condiz com aquela realidade vivenciado pelo pesquisador, que pode utilizar-se de outro método de captura de informação ou de interação para que meus interlocutores apresentem as informações ou ainda que o pesquisador consiga observar melhor as perspectivas do campo.

Diante as minhas abordagens no campo de pesquisa foram trazidos dados que permitam entender, a adequação desse esporte dentro das comunidades indígenas e não indígenas, dados e fatos esse que acreditamos na certeza de que nos auxiliaram na construção do conhecimento, diante do trabalho requisitado.

Para realização da coleta de dados, usufruímos de alguns mecanismos metodológicos como: os diálogos, observações, questionários e entrevistas com os moradores da comunidade, os praticantes do futebol de campo.

No entanto para a coleta de dados desta pesquisa, foram usados os seguintes recursos materiais; aparelho celular para a gravação e registro de fotos e coleta de dados pesquisados, entrevista aberta, leituras bibliográficas para compreensão dos métodos e para compreender o campo.

Também utilizamos de recursos humanos como; os moradores, jogadores, amantes do futebol, líderes comunitários, as vivencia do acadêmico no campo de pesquisa e a comunidade em geral, tudo para que se possa ter a obtenção dos dados e ao final entender a importância da prática esportiva dentro das comunidades.

Os métodos sucintos do trabalhado, na prática desse campo de pesquisa, traz em seu bojo o “olhar, ouvir e o escrever” (OLIVEIRA, 2000). Dessa forma, inicialmente o autor vai procurar pôr em pauta o caráter construtivo do olhar, do ouvir e do escrever, na elaboração do conhecimento próprio das disciplinas sociais, isto é, daquelas que convergem para a elaboração do que chama - se “O Trabalho do Antropólogo” para sintetizar, como a associação desses dois termos, o amplo aspecto cognitivo que envolve as disciplinas que denominamos ciências sociais, de interatividade de pessoas ou grupos étnicos.

Já em relação ao “olhar” o autor chama a atenção para dois tipos de pesquisas, enquanto o primeiro se trata de uma pesquisa experiente onde deve conter os mais variados olhares sobre os objetos pesquisados, ele procura citar isso de um modo geral, pois é daí que partir as mais variadas conclusões da pesquisa e conseqüentemente os dados mais concretos, após as entrevistas, tomando assim fatos verídicos.

Por outro lado, ele enfatiza, para que realiza uma pesquisa bem-sucedida, não se deve agir como um pesquisador iniciante que, por sua vez, não teria a mesma experiência de campo pois o mesmo teria uma visão mais fechada em relação ao objeto de pesquisa. O olhar por si só não seria suficiente para entender o objeto de estudo, e nem garantia a qualidade da abordagem da temática em questão, por isso foram usufruídos de mecanismos precisos para chegar na qualidade e no sucesso desta pesquisa de campo.

Com isso, para observar de ângulos diferentes a temática, uma vez que o pesquisador também faz parte desse meio, vivenciou e vivencia as práticas realizadas na comunidade, o “olhar” dever ser apurado ou deva ser treinado para que possa capturar as informações.

Um dos autores com método de campo nos orientar na imersão do campo foi com o texto de Oliveira, “O trabalho do antropólogo: olhar, ouvir, escrever” de quando ressalta;

Se o olhar e o ouvir constituem a nossa percepção da realidade focalizada na pesquisa empírica, o escrever passa a ser parte quase indissociável do nosso pensamento, uma vez que o ato de escrever é simultâneo ao ato de pensar. Isso significa que, nesse caso, o texto não espera que seu autor tenha primeiro todas as respostas para, então, poder ser iniciado. Entendo que na elaboração de uma boa narrativa, o pesquisador, de posse de suas observações devidamente organizadas, inicia o processo de textualização. (CARDOSO, 2000, p. 31 e 32)

O pesquisador de posse de seu caderno de anotações pode não apenas relatar suas observações, mas também pode fazer uma ligação contínua com o texto, com a escrita, ou seja, mesmo fazendo a pesquisa o etnógrafo tem o mecanismo para contextualizar sua observação, as falas dos interlocutores realizando assim, a escrita em do seu texto, mesmo que depois tenha que fazer atualizações e correções.

Seguindo ainda nesse sentido, da imersão do campo, o pesquisador está sujeito a vários tipos de acontecimentos, que pode ou não ser capaz de observar de forma clara.

Nessa abordagem Malinowski, na parte introdutória do “Argonautas do Pacífico Ocidental”, diz que:

Os princípios do método podem ser agrupados em três itens principais: em primeiro lugar, como é óbvio, o investigador deve guiar-se por objetivos verdadeiramente científicos, e conhecer as normas e critérios da etnografia moderna; em segundo lugar, deve providenciar boas condições para o seu trabalho, o que significa, em termos gerais, viver efetivamente entre os nativos, longe de outros homens brancos; finalmente, deve recorrer a um certo número de métodos especiais de recolha, manipulando e registrando as suas provas. (MALINOWSKI, 1961, p. 22)

Utilizando-se do método de Malinowski, de guiar-se por objetivos verdadeiramente científico e a recolha de dados, utilizando métodos especiais ou que ofereçam mecanismo para se obter informação, o campo em si se apresenta com um leque de dados, mas que devem ser filtrados e analisados para se tenha dados concretos.

Dentre os mecanismos de recolha de informação, foi utilizado entrevistas com roteiros, ou entrevistas abertas que produziam informações de pronto ato. As entrevistas têm suas limitações, uma vez que questionários, não deixa que a entrevista se alongue nas suas respostas.

Com os questionários as informações tendem a ser minimizadas, mas, são importantes para que se tenha argumentos que não são ditos, oralmente para o pesquisador, o entrevistado através do questionário pode relatar maiores detalhes sobre o questionamento feito. Os questionários utilizados deram conta de dados que não poderiam ser acessados de outra forma, mesmo que em diálogos abertos, uma vez que os interlocutores ficavam tímidos com a presença de gravadores de som, assim, dessa forma, os questionários tinha a garantia de que poderiam fazer seus relatos sem que se sentissem constrangidos.

Para tanto, fazer o ingresso no campo, realizar as observações requerem que o pesquisador tenha folego para suporta as dificuldades do “fazer campo de pesquisa”, e para isso deve, no entanto, contar com a sua expertise, para dialogar e transforma as dificuldades oportunidades de captar informação.

Nesse sentido, Clifford afirma que;

A observação participante obriga seus praticantes a experimentar, tanto em termos físicos quanto intelectuais, as vicissitudes da tradução. Ela requer um árduo aprendizado linguístico, algum grau de envolvimento direto e conversação, e frequentemente um “desarranjo” das expectativas pessoais e culturais. (CLIFFORD 2008, p.20).

Assim, cada imersão no campo é diferente tendo o pesquisador que galga suas informações e sua cumplicidade com os interlocutores.

Neste sentido para compreender melhor a vivência do pesquisador no campo utilizamos também o texto do autor Velho (1978). Observando o familiar.

Para Velho (1978),

[...] atores como subjetividade provocada pelas relações com os “familiares”, e os estereótipos em relação ao exótico [ou mesmo ao familiar] provocam uma distorção nos resultados. Essa distorção, uma interferência tida como negativa e /ou positiva, depender do ângulo de abordagem, decorre principalmente da bagagem cultural do pesquisador [Antropólogo]: suas vivências pessoais, seus hábitos sua cultura. Portanto, cultura e história do pesquisador chocam – se, com bastante frequências, a cultura e história do pesquisado, afetando o resultado da pesquisa.

Então durante a minha vivência no meu campo de pesquisa estive sempre como um pesquisador, mas isso foi um pouco contraditório por pesquisa um grupo diferente.

Pois para que eu chegasse a fazer uma pesquisa de sucesso sem uma interferência extraí dados embasados no que diz Velho (1978) distingui “*por- se no lugar do outro*”. Mergulhando intensamente em sua “*real realidade*”. Dessa forma, um trabalho de campo seria capaz de observar o outro com todas as suas potencialidades, seus defeitos e seus

anseios. (VELHO, 1978, p. 6). Mas para isso foi necessário como afirma o autor citado, se familiarizar e ao mesmo tempo fazer um distanciamento mínimo tanto social e psicológico, para acima de tudo extrair dados relevantes para o trabalho, e para o conhecimento científico.

### **2.3 No campo de pesquisa: O contato com os residentes da comunidade de Guanabara III**

Cheguei na comunidade de Guanabara III no dia 27 de abril de 2019 as 13:00h e 10 minutos. O intuito desta viagem foi para conhecer meu campo de pesquisa, os meus interlocutores e os residentes chaves para que a pesquisa fosse realizada e construída, portanto ao chegar em meu campo de pesquisa pude dialogar com algumas pessoas e construir algumas estratégias de como colher dados da minha pesquisa de campo, relacionando a meu trabalho de conclusão de cursos.

Chegando na comunidade de destino procuro logo o representante da comunidade, perguntando de alguns moradores e os mesmos me informam a sua residente, tendo como informante o senhor Ronaldo Cardoso Bento, mim direcionando até a casa do primeiro Cacique o senhor Augusto Manoel Pinheiro, fui recebido com muito entusiasmo pelo mesmo, que me felicitou e me acolheu, se disponibilizando a me ajudar no meu trabalho de pesquisa.

Logo em seguida sentamos ao redor de uma mesa em sua casa, onde conversamos muito sobre o meu trabalho de pesquisa, explicando e dialogando sobre o referido trabalho e como iria proceder e quais os seus objetivos.

Na perspectiva de melhoria para a comunidade através do meu trabalho de pesquisa, o mesmo torna-se simples em uma interatividade social, cultural e econômico para dentro da comunidade. Depois dos diálogos com o Cacique Augusto Manoel Pinheiro, me contou situações referentes a outros alunos que fizeram esse tipo de trabalho dentro da comunidade e o mesmo já tinha dito que não iria aceitar a realização desse tipo de trabalho dentro da comunidade, onde os acadêmicos realizaram todo o trabalho e não retornaram deixando os resultados, pelo menos as considerações ou copias dos trabalhos, porque acredita que a comunidade como campo pesquisada deve ser comunicada em resultados dos trabalhos realizados.

Desse modo persiste que fosse a referida comunidade de Guanabara o meu campo de pesquisa, perguntando se poderia realizar pois a referida comunidade já era conhecida e na mesma hora alguns familiares, onde me sentiria bem realizar minha atividade de pesquisa de

campo. O representante da comunidade falou que iria comunicar aos outros comunitários, desde modo depois do dia seguinte pediu que voltasse para obter a resposta se poderia ou não realizar o meu trabalho de pesquisa dentro da comunidade, desde modo retorno pra Benjamin Constant.

Retorno na comunidade indígena de Guanabara no dia 10 de maio do corrente ano, e me dirijo a casa do representante, onde me acolheu com as boas vindas e me dialogo me autorizou a realizar o meu trabalho de pesquisa e aplicar os meus métodos, dentro da comunidade com os moradores. Neste mesmo dia logo aproveitei para dar uma observada na comunidade, onde acabei registrando a estrutura da comunidade, pois a mesma tem uma igreja evangélica, uma escola municipal, uma casa de reunião, um telefone publico, um posto de saúde com uma estrutura bem antiga. Nos fundos da comunidade tem outra escola que pertence a igreja evangélica com o nome Boffelt e onde os alunos estudam também. E quase ao lado tem um posto de saúde novo que foi construído no ano passado em parceria, pela SESAI e prefeitura municipal. Fiquei nesta localidade nos dias 10 a 12, e voltei para Benjamin Constant no domingo a tarde.

Durante minha vivencia na comunidade de Guanabara III, analisei que o futebol de campo na comunidade, é bem forte e ao mesmo tempo é praticada por eles diariamente. Tanto pelas crianças, jovens tanto homens como mulheres jogam a “pelada” termo pronunciado por eles.

A através da observação participei e registrei a maioria dos momentos que eles praticam o futebol, sendo pela manha as crianças vão para a escola, e seus pais vão para roça, outros vão pescar, caçar e alguns pais vão serra madeira, pois sobrevivem destas atividades, e também alguns recebem benefícios sociais do programa de governo como o Bolsa família, Seguro defeso do pescador, Auxilio Maternidade e aposentadoria. Pela tarde a partir das 14:00 ou 16 horas, os mesmos chegando das atividades escolares e dos trabalhos vão se reunindo na (beira do campo) termo pronunciado por eles, com as suas Chuteiras outros com tênis, outros descalços porem se juntam para forma os times e comecem a jogar. Através do relato de Ezaquiel, um dos participantes como entrevistado nesse trabalho, afirmo a observação da minha visão de campo como acontece o jogo de futebol na comunidade.

Neste momento é que os mesmos combinam até as apostas em dinheiro. No decorrer do jogo são marcados 10 minutos diretos, se empatar os dois times são disputados a vitória nos pênaltis, 03 três batidas de pênaltis para cada lado. Durante os jogos são apostados os dinheiros em valores de 10 a 40 reais dependendo da outra equipe a concordância dos valores. Os times compostos por cada equipe são de 11 jogadores para cada lado, sendo um campo grande, agora se fosse no campo pequeno seria 5

jogadores para cada time. Desde modo as apostas são favoráveis e joga quem contribui para a aposta, ficando desde modo joga quem contribui ou por afinidade, ou amizade, quando cansa sai para o outro amigo jogar, pois as vezes quando esta cansado indica para ser substituído desde modo a pelada continua, ou melhor dizendo o jogo continua. (Caderno de campo)

Os jogos na comunidade indígena de Guanabara III, pronunciada como peladas são praticadas não somente no campo, mas como também em alguns espaços, como enfrente de suas casas, no quintal, enfrente da escola em diversos lugares que tem um espaço razoável, nem que seja só tocando a bola um para o outro ou de pênaltis dentre outra variação com a bola.

### **CAPITULO III.**

#### **3. 1 O futebol enquanto elemento de sociabilidade indígena na comunidade de Guanabara III**

Na comunidade o campo de futebol que é um local de lazer, facilita as diversas formas de interação carregadas de conhecimentos e trocas de experiências, onde as diferenças sociais são temporariamente discutidas, dialogadas e reconhecidas através de uma simples interação através dos jogos de futebol de campo. Para SIMMEL (1929) todo espaço público é construído socialmente, na medida em que as formas de sociabilidades e de apropriação desses espaços são dinâmicas e manifestam processos sociais mais amplos de uma sociedade dentro de um contexto de tempo e lugar.

A sociabilidade diante da pratica do futebol, torna se para os comunitários da comunidade de Guanabara III, propicio para a interação, socialização e a interatividade, onde um simples jogo de futebol reuni crianças, jovens e adultos, dos dois gêneros masculinos e femininos, ambos amantes e praticante do futebol. Neste evento aproveitam para se conhecer quando a pessoas de outras comunidades, os mesmos interagem, se comunicam e dialogam sobre diversos assuntos, acontecendo assim uma troca de experiência e conhecimentos, ficando viável a boa convivência entre comunitários e visitantes.

Para os atletas, assim como eles consideram, o futebol se tornou uma práxis, aquela partida a tarde no campo da comunidade, aquela pelada como queiram chamar os indígenas quando vão jogar bola, é honrado pelos jovens e adultos o futebol depois do trabalho na roça, pesca ou depois da aula, a tardezinha os jovens se reúnem na beira de um campo improvisado para a pratica do esporte, mais viável e os aspectos sociais de boas convivências entre os comunitários, notório também é o laço afetivo entre cada indígena na formação dos times para jogar futebol, os mesmos não procuram só os mais habilidosos e talentosos, formam os times muita das vezes por afinidade, por parentesco ou por outros aspectos ou laços afetivo. Considerando esse momento da pratica do futebol a tarde, também para treinar pois a maioria dos comunitários participam de campeonatos e torneios nas comunidades vizinhas, eventos esses que acontecem com frequência nas comunidades mais próximas.

Diante do convívio, dos dialogo durante as minhas pesquisa de campo foi notório a percepção de muitos diálogos formais e informais entre os residentes da referida comunidade (campo de pesquisa), como também membros de comunidades vizinhas. Diálogos que condiz planos, projetos e ideias em prol a melhoria das comunidades como conjunte de sociabilidade



cultural e harmonioso. Desde modo acredita-se que esses momentos das partidas de futebol não deixam de ser um tempo obvio para a socialização de conhecimento e troca de ideias em prol a melhoria da comunidade, fato esse que os momentos são favoráveis para discussão de fatos convenientes que ajudam na inter-relação dos comunitários.

A sociabilidade cultural durante os eventos nas comunidades indígenas tornam-se aspectos importantes na socialização de culturas, eventos como: aniversário da igreja, dia do índio, festa juninas, formaturas, campeonatos e torneios, dentre outros são eventos primordiais onde aspectos sociais e fatos de sociabilidade entre pessoas e grupos acabam acontecendo. Diante de todos esses eventos vivenciamos os aspectos social favoráveis dentro dos campeonatos e torneio, fatos esses que acontecem com frequência durante qualquer evento desses já citados, os fatos mais favorecidos são a socialização de culturas, a inter-relação dos povos étnicos, a construção do elo de amizade e convivência, o conhecimento geográfico e é claro um fato interessante o casamento de jovens e adultos entre os grupos étnicos, durante os eventos sociais.

Os grupos étnicos sempre vão estar reunidos, pois juntos lutam pela autonomia e reconhecimentos dos seus direitos, perante a sociedade a qual fazem parte. Diante esse fato em vários momentos os grupos indígenas se mantem organizado, buscando melhorias ao seu povo, trazendo para dentro das aldeias algo que possam junto desfrutar de uma sociedade mais justa e humana, nem que para isso passam a praticar cultura de outros povos, como por exemplo o futebol. O jogo de futebol é um ritual (TURNER, 1990), ou seja, apresenta sequências pré determinadas e portanto, previsíveis na sua configuração mais geral. As inovações tecnológicas, especialmente a das câmeras digitais de pequeno porte, permitiram que novas sequências deste ritual fossem registradas, criando-se assim novos *tropos*.

De acordo com Volpato, o jogo:

Foi sendo historicamente esportivizado em virtude de acontecimentos econômicos, políticos e sociais. Neste processo, a supervalorização do esporte performance, muitas vezes leva os profissionais à não perceberem a dimensão educativa do jogo. A competição presente no jogo de regras, pode servir para estimular o jogo com o outro de forma cooperativa, onde o adversário seja visto como parceiro que possibilita a realização do próprio jogo, não como inimigo a ser vencido ou aniquilado. Na verdade, essa é uma das características que mais diferencia jogo e esporte de rendimento. (VOLPATO, 2002, p.104)

Acredita-se que a muito anos os indígenas vem adequando outros aspectos culturais de grupos étnicos diferentes, dentro do seu convívio social cultural e contato, porem acreditamos que a prática desses outros aspectos culturais não remete aos indígenas esquecer

sua cultura ou deixa de praticar a mesma. O futebol para os indígenas tornou-se uma manifestação cultural dentro das comunidades indígenas como um evento que traz um elo entre os grupos indígenas e não indígenas.

Diante disso, Rodrigues ressalta que,

Nesse sentido, o futebol, até então apontado como agregador de sociabilidade, capaz de proporcionar lazer e as mais diversas sensações aos jogadores e torcidas, desde o orgulho de suas identidades até perspectivas profissionais, pode também ser compreendido como um elemento de negociação indígena. (RODRIGUES, 2014, p.80).

O futebol vem sendo um dos aspectos mais praticados dentro de uma comunidade indígena e vem cada vez mais se alastrando, encontrando novos talentos e habilidosos nessa modalidade esportiva, os indígenas adequaram essa modalidade esportiva dos brancos ou civilizados como costumam chamar. Desde muito tempo vem sendo praticado o futebol, com isso em meio aos eventos de futebol que realizam, os mesmos buscam socializar com outras comunidades, uma simbólica confraternização, conhecimentos e aspectos culturais. Acredita-se que esses eventos significativos como torneios, campeonatos e pelada como costumam chamar, tem uma grande importância que é de socializar e unir os grupos indígenas. Pois quem já teve o prazer de assistir já viram o quando eles jogam, torcem e se inter-relacionam.

Nas partidas de futebol se relacionam equipes indígenas contra equipes convidadas. Nesse sentido, as equipes convidadas seriam times formados por instituições, grupo de pessoas que, em geral, buscam evidenciar um bom relacionamento dos indígenas com a sociedade envolvente, sobretudo com a instituição representada pela equipe convidada.

Os aspectos sociológicos do futebol são visíveis: os indígenas se reúnem para jogar e assistir as partidas; se organizam para torcer pelas equipes; disputam competições contra equipes de outras aldeias, de instituições e organizações parceiras e das cidades e comunidades vizinhas.

A sociabilidade dentro dos eventos de futebol é tão viável que tantas vezes jovens e moças acabam se conhecendo e casando com jovens e moças das outras comunidades que vem participar, acabam formando família e ajudando no crescimento da comunidade, vários desses fatos já aconteceram, muitas das vezes os jovens vem jogar bola, participando do torneio se apaixonam por uma moça da comunidade onde o evento está sendo realizado e acaba ficando na comunidade. Porém o mais interessante que é tudo muito rápido, acabam se conhecendo, pouco tempo de namorando, casam, constroem uma família e a moradia na

comunidade e acaba sendo mais um integrante da comunidade, isso quando o rapaz não leva ela a moça para morar na comunidade onde vive, como de fato tornasse muito das vezes viável.

Mediante os eventos não deixam de ser incentivador aos comunitários sendo eles jovens e adultos independentemente de gêneros, classe, grupos ou crença os eventos são muito assistido pela maioria dos comunitários como um evento saudável e harmonioso diante de tudo que acontece quando é realizado.

Diante dos fatos de socialização que vivem dentro dos eventos de futebol, a sociabilidade entre mistura de Cor, de culturas e crenças tornasse para aquela ocasião fundamental aos grupos étnicos que participam do evento, pois os mesmos fazem questão de serem convidados e de participar do evento, onde o espírito esportivo além de falar mais alto do que o espírito de competidor, os mesmos trazem no semblante a vontade de serem campeões.

Segundo Shigunov e Pereira,

A competição possui aspectos positivos e negativos, dependendo da forma como essa é utilizada. Ou seja, a competição pode auxiliar na formação integral da criança, nos aspectos cognitivo, social, físico e afetivo e nas atitudes saudáveis e de autovalorização, se utilizada com objetivo de emancipação, integração e lazer. Porém, se a competição for priorizada para se destacar as vitórias, auto-promoção e sobrepujança ao adversário, se estará negando uma convivência sadia, onde o ser humano precisa estar em primeiro lugar. (SHIGUNOV E PEREIRA, 1993, pág. 26).

Entende-se, que por ser tratar de um processo social que se caracteriza por situações conflituosas, a competição pode influenciar no desenvolvimento afetivo-social de todos os envolvidos tanto indígenas como não indígenas. Não sendo garantia de resultados somente positivos, como também negativos, com certeza dependerá da forma como esta será orientada e conduzida. Interessante da competição e o entusiasmo das comunidades na interatividade que se socializa, onde os mesmos querem levar o premio para a comunidade, servindo de exemplo para as crianças do ato de saber lidar com a vitória e a perda muitas vezes no campeonato.

### **3.2. O futebol interno no interior da comunidade: Apostas x Torneios**

O futebol tornou se uma manifestação cultural dentro das aldeias indígenas, onde adequaram os jogos esportivos principalmente o futebol, como uma forma de lazer e

interatividade entre os povos indígenas e não indígenas, porém essa manifestação cultural vem cada vez mais tomando gosto por nos indígenas. Diante da prática do futebol as crianças, os jovens e adultos vem cada vez tomando gosto pela prática do futebol, tirando um pouco do seu tempo para a prática desta atividade.

Perante os jogos que acontecem dentro da comunidade, os mesmos recebem um grande incentivo dado pelos comunitários, em um entusiasmo contagiante de vitórias e perda, onde o que vale é a competição entre os times. Como diz Brotto, enfatizando que:

Competição é um processo de interação social, em que os objetivos são mutuamente exclusivos, as ações são isoladas ou em oposição umas às outras, e os benefícios são concentrados somente para alguns [...] cooperação é um processo de interação social, em que os objetivos são comuns, as ações são compartilhadas e os benefícios são distribuídos para todos. (BROTTO,1997, p. 6).

Nas peladas da tarde, como eles costumam chamar sempre a interatividade dentro do campo de futebol vem acontecendo através das famosas apostas entre os times, podendo ser como aposta um simples refrigerante, uns trocados, algo simbólico para o time ganhador poder de certa forma compartilhar com todos os jogadores do time. É também de prática as apostas serem mínimas somente para brincar e incentivar o time a querer vencer, mostrando habilidade e competência diante dos adversários. Dessa forma Ezequiel salienta que,

“A aposta, sempre em nossa comunidade os nossos jovens se juntam a partir de sexta a tarde 13:00 por aí, sábado e domingo também. Nós jogamos bola enfrente de casa e também no campo que nós mesmos alimpamos e fizemos, para nos jogar fica na terra firme. Os times que apostam são daqui mesmo da comunidade e também vem de outras comunidades vizinhas nós convida parentes ticuna e também brancos, não indígenas. Sempre as apostas são em dinheiros entre R\$ 20, 30, 50, 100 reais, o valor que o outro time tiver nós aposta”. (Caderno de Campo)

O interessante das peladas que acontecem entre os próprios comunitários de uma mesma comunidade, é o espírito de competidor, da vontade de sempre querer ganhar, muitas das vezes fica percebido quando o time perde a raiva no semblante de alguns jogadores, com raiva do companheiro que errou os passes ou o gol. Diante disso a uma troca com outros que estão esperando na beira do gramado, muitas das vezes são constante, principalmente se aquele eu estiver esperando ter algo para contribuir com a aposta. Os mesmo não procuram mais os talentos e os habilidosos porque a vitória requer esforço de todos os jogadores.

Um fato bem instigante é o aumento das apostas entre os dois times que mais ganharam, devido o tempo porque a noite vem chegando os dois times combinam em

augmentar as apostas, se era um refrigerante exemplo agora para aquele jogo vai ser dois refrigerantes, se era dez a aposta antes para aquele jogo final era 20, desde modo a aposta acontecia em concordância com todos os jogadores dos dois times.

Um aspecto bem interessante, nos jogos de futebol que chamam de pelada, o mesmo não tem arbitro, os jogares tem a plena consciência de marca as adversidades de minutos, faltas, saída da bola, gol, de jogo dentre outras regras atribuídas no jogo. Os jogadores têm o respeito mútuo das agressões físicas ou verbais, podendo ate ser excluído (expulso) do jogo aquele que cometer uma agressão mais brusca e ofensiva. Porém mediante as aposta que são feitas nas peladas, as mesmas são mínimas, mais muito significativas para eles. Pois mostrar a capacidade, a habilidade, a união e a competência dos mesmos dentro de campo.

Tornasse mais interessante as apostas feitas em torneios nas comunidades vizinhas, é um evento mais preparado, planejado e organizado, onde as apostas têm valores mais altos e muitos times participam vindos de vários lugares, e trazem consigo o otimismo de serem os vencedores. As apostas muita das vezes requerem diálogos com os responsáveis pelos times mais o organizador do evento, é interessante que todos concordam com as regras e o que esta sendo apostado naquele momento. Diante dos torneios as apostas são basicamente dinheiro, uma certa quantia, algo como um suíno, um bovino, um frango caipira, um pato, um jabuti, um tracajá dentre outros prêmios.

Arlindo Marques explicita quem realiza os jogos na comunidade e alguns de seus objetivos.

“Aqui na nossa comunidade indígena de Guanabará III, sempre são realizados pelo próprio moradores da comunidade e as vezes pelo cacique da comunidade. O objetivo do torneio na nossa comunidade é sempre voltado para arrecadar dinheiro, para nós comprar nosso alimento, remédio, roupas, calçados, materiais para nosso filho estudar, para pagar nossa conta de luz e outros”. (Caderno de Campo)

Desde modo os torneios, dentro da comunidade tornam-se muito importante transformando-se em diversos pontos positivos, pois vai além da interação e da sociabilidade dos grupos étnicos, os torneios tem também o intuito para ajudar nas diversas formas financeira de determinadas situações dos comunitários.

### **3.3. Participação em campeonatos regionais.**

Os campeonatos e jogos organizados pelos indígenas sempre ocorrem nos campos tradicionais, alguns de terra batida, que carregam sua história e suas festividades. Nesse

sentido, o campo não é somente o espaço dos jogos de futebol, mas também, o ponto de encontro entre indígenas de uma mesma etnia ou entre outras etnias e ainda local onde os jogadores mostram suas habilidades aos não-indígenas visitantes, não somente através do futebol, mas também através de danças, músicas, entre outras manifestações culturais. Para tanto, os campos de futebol tornam-se referência indígena ao contemplar todas as suas atividades como um centro cultural.

De acordo com Ezequiel Pinheiro,

“O campeonato em 2010 na nossa comunidade tava indo bem, tinha 10 times e duas comunidade e 8 de outras comunidades indígenas e não indígenas, que estavam participando do campeonato na nossa comunidade vem jogar bola também. Durante os jogos na comunidade é muito divertido agente conhece outras pessoas de outras comunidades, nossos parentes que participa dos campeonatos também eles jogam em outros times. Ele defende a comunidade onde mora. E também porque casou com outra menina de outra comunidade”. (Caderno de Campo).

Os times são formados dentro das comunidades, eles se organizam formando mais de um time, onde são inscritos nas categorias, essa paixão pelo futebol atrai muitos indígenas nas comunidades onde é realizado os campeonatos, desde modo para a realização desse evento costuma-se ter uma apoio de algum órgão publico ou privado pra que seja mais atraente tanto a premiação quanto todo o evento.

A preparação dos times vem cheios de estilos, com nomes do time, camisas na maioria das vezes e os jogadores todos uniformizados, diferentes da pelada praticada dentro da comunidade, no campeonato terão arbitro de jogo e todos terão que obedecer às regras e as marcações feita pela equipe técnica de árbitros.

Muitas comunidades participam uma ou outra que deixam de participar, porem as que participam sempre levam de dois ou mais times, a participação dos campeonatos não se resume somente em jogos, claro que os jogos é a tração dos campeonatos porem os comunitários também de certa forma participam na torcida. Torna-se interessante também a participação das mulheres no campeonato como jogadores de futebol, elas também mostram em quadra ou no campo de futebol seus talentos, habilidade e que sabe jogar bola.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Apesar das condições diversas, como falta de recursos financeiros e matérias, pude realizar minha pesquisa com eficiência, esperando contribuir para um foco mais aprofundado para uma pesquisa relevante de bons resultados e compreensão. Os esportes para os residentes da comunidade apresentam-se como uma prática corporal dotada de sentidos e significados, os quais estão relacionados à satisfação que a atividade física provoca e a sensação de que tal vivência é uma construção do próprio grupo, com base em seu sistema de valores, vontades, necessidades e expectativas. Cabe aos atletas como assim eles mesmos se definem, buscar compreender os elementos que conferem esses sentidos e significados à atividade física, o que é fundamental para a manutenção dos mesmos em seus eventos e programas culturais e esportivos.

Vários elementos apresentados ao longo deste estudo podem subsidiar perspectivas propositivas tanto voltadas para a educação básica quanto para a formação profissional em Educação Física. Em relação à educação básica, um desafio é encontrar estratégias de ensino que motivem os adultos, jovens e crianças a estudar e terem conseqüentemente sonhos para uma formação e educação transformadora, que favoreça a transmissão de conhecimentos e valores – como a prática de atividade física ao longo de toda a vida, já que a prática esportiva faz parte do cotidiano, criando redes de sociabilidade entre os moradores da comunidade de Guanabara e comunidades adjacentes.

A partir da definição do que vem a ser o futebol no Brasil, esta pesquisa procurou mostrar de que forma o futebol permite a prática, onde homens, mulheres e crianças gostam e adotaram a prática do futebol com atividade de lazer e interação. A “físicalidade” do futebol indica que este também pode ser entendido como um espetáculo ritualístico onde são representados dramas relacionados interação entre povos indígenas e não-indígenas. O fenômeno da torcida de futebol foi analisado, porém a competitividade é saudável e atraente todas as comunidades se envolvem buscando assim serem campeãs e levar o título ou o prêmio para casa.

As análises contidas nesta pesquisa demonstraram que alguns estudiosos do futebol brasileiro devem ser melhores entendidos como grandes pensadores que elaboraram representações acadêmicas sobre o aludido fenômeno da prática esportiva do futebol. Desta forma, porém, vão ao encontro das representações populares nas explicações sócio-culturais

de definição do caráter nacional do futebol, independentemente de raça, cor, crença, etnia ou religião, definido assim o futebol como um fato “natural”, e não um fato advindo da sociedade e da cultura.

Diante dos resultados, vimos que a prática do futebol de campo é de suma importância na vida dos comunitários, nos aspectos de lazer e diversão, conciliando numa interação cultural, para obtenção de resultados tivemos que conviver momentos preciosos dentro do campo de pesquisa para que os fatos se tornassem verídicos e sucintos os dados coletados. Desta forma acredita-se que a temática em questão vai além do campo de enfoque, assim conquistando espaço mais preciosos para algo de remoto seja feita para que a prática do esporte seja valorizado nas comunidades ribeirinhas.

Mediante das dificuldades citadas vimos que a prática do esporte praticada nas comunidades precisam ser incentivadas, construída e assistida para que projetos, programas e eventos possam ser realizados para incentivar ainda mais os jovens das comunidades ribeirinhas do município de Benjamin Constant possam ter uma vida saudável na prática do esporte, livrando-se os mesmos do mundo das drogas, sendo que a cada passo diante das realizações possam ter fundamentos na vida dos atletas ribeirinhos assim valorizados e respeitados.

Podemos afirmar que todo o trabalho foi de suma importância para que tivesse uma ampla visão de conhecimento dos fatos e da temática em questão, desta forma ao vivencia, abordar a temática busquei compreender cada fator favorável para a construção do conhecimento, desde modo as informações foram necessárias para seu convívio social. As dificuldades foram suportadas para alcançar os objetivos que precisavam ser esclarecidas pelos próprios comunitários, considerando que existem causas sociais, culturais e antropológicas que necessita ser estudada e aprofundada.

De fato já compreendemos que as comunidades ribeirinhas também necessitam de atenção e incentivo em situações sociais para que problemas maiores não venham se acarretar, e de fato buscam em sua maioria a prática do esporte e o incentivo ao lazer e diversão numa troca de conhecimento cultural, em favorecimento ao respeito as diferenças dos povos locais em ambas, a cor, raça e etnia.



## REFERÊNCIA

ALMEIDA, Anderson Rocha de. Da unicidade virtual a polifonia real: micropolíticas Ticunas no Alto Solimões - AM/Brasil. 2015.

BROTTO, F.O. Jogos cooperativos. Santos: Ed. Re-Novada, 1997.

CARDOSO, Ruth. "As aventuras de antropólogos em campo ou Como escapar das armadilhas do método" in: CARDOSO, R. (org) *A Aventura Antropológica* Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2000.

CLIFFORD, James. A experiência etnográfica: antropologia e literatura no século XX. 3ª edição. Rio de Janeiro. Editora UFRJ. 2008.

GARCÉS, Cláudia Leonor López. *Ticunas brasileiros, colombianos y peruanos: Etnicidad y nacionalidad en la región de fronteras del alto Amazonas / Solimões*. Tesis de doutorado apresentada al Centro de Pesquisa e Pós-Graduação sobre América Latina e o Caribe – CEPPAC de la Universidade de Brasília. Brasília, 1996.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Normas de apresentação tabular. 3. ed. Rio de Janeiro, 1993. Disponível em:<<http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/monografias/GEBIS%20%20RJ/normastabular.pdf>>. Acesso em: 15 jan. 2018.

KENDEL, Liliane. Reflexão sobre o uso de entrevistas, especialmente as não-diretivas, e sobre a pesquisa de opinião. Extraído de *epistemologia sociológica* nº 13, 1972, p. 25 a 46. Tradução de Ruth Joffily Dias.

LIMA, Widney Pereira de. O Ticunas e igreja indígena em Filadélfia, Amazonas. 2013.

MALINOWSKI, Bronislaw. Introdução: objeto, método e alcance desta investigação. In. Os Argonautas do Pacífico Ocidental. Tradução de Ana Paula Dores. Revisão científica de Maria Carneira da Silva e Jill Dias. 1961.

MENDES, Mislene Metchacuna Martins. *O Contexto Social que possibilitou a criação da organização indígena Tikuna PIASOL*. Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso Bacharelado em Antropologia da Universidade Federal do Amazonas - UFAM, Benjamin Constant, 2010.

MCCALLUM, Cecilia. ALTERIDADE E SOCIABILIDADE KAXINAUÁ: PERSPECTIVAS DE UMA ANTROPOLOGIA DA VIDA DIÁRIA. *Rev. bras. Ci. Soc.*, São Paulo, v. 13, n. 38, p. , Oct. 1998. Available from [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-69091998000300008](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-69091998000300008)

NIMUENDAJU, Curt. Os índios Ticunas. Belém do Pará. 1929.

OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. O trabalho do antropólogo: olhar, ouvir, escrever. In. O trabalho do Antropólogo. 2 ed. Brasília: Paralelo 15. Editora UNESP. São Paulo. 2000.

MENDES, Mislene Metchacuna Martins. *O Contexto Social que possibilitou a criação da organização indígena Tikuna PIASOL*. Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso Bacharelado em Antropologia da Universidade Federal do Amazonas - UFAM, Benjamin Constant, 2010.

SIMMEL, Georg. A metrópole e a vida mental. In: VELHO, Otávio Guilherme (Org.). O fenômeno urbano. Rio de Janeiro: Zahar, 1929, p. 11-25.

SHIGUNOV, V.; PEREIRA, V.R. **Pedagogia de educação física**: o desporto coletivo na escola, os componentes afetivos. São Paulo: IBRASA, 1993. TURNER, V. *Le phénomène rituel: structure et contre-structure*. Paris, PUF, 1990.

VELHO, Gilberto Otávio. O Estudo do Comportamento Desviante: a contribuição da antropologia social. In: VELHO, Gilberto Otávio. Desvio e divergência: uma crítica da patologia social. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

VOLPATO, G. **Jogo, brincadeira e brinquedo**: uso e significados no contexto escolar e familiar. Florianópolis: Cidade Futura, 2002.